



ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS SÃO TECIDOS OS SILÊNCIOS: mulheres goianas e a organização vilaboense de artes e tradições (ovat)

Paulo Brito do Prado
Mestre em História
UFG

paulobritogo@yahoo.com.br

RESUMO

Elina Maria da Silva, Altair Camargo de Passos e alguns jovens vilaboenses deram início em 1965 ao projeto de (re) invenção e produção de crenças associadas às tradições vilaboenses e ao legado histórico e cultural da cidade de Goiás. Como o debate acerca da necessária valorização desse legado já era tema recorrente entre os componentes do grupo, ainda no mencionado ano fundaram com a ajuda de “guardiões da memória / história” de Goiás, a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT). As problemáticas do trabalho se alicerçam na condição de silêncio em que foram mantidas Elina Maria da Silva e Altair Camargo de Passos. Estas mulheres desempenharam importante papel no debate político e cultural da época. Foram elas que agenciaram o processo de guarda da memória/história local e o sistema de crenças em Goiás, todavia suas trajetórias, histórias e suas lembranças ficaram “guardadas”, silenciadas e esquecidas no interior da memória coletiva de Goiás. A narrativa tecida tenta problematizar esquecimentos e não ditos, projetando a compreensão da engenharia de silêncios presente na história de Goiás. Para tal empreitada utilizamos como suporte teórico e metodológico as sugestões de Joan Wallach Scott (2008), Michele Perrot (2005) e Pierre Bourdieu (1999; 2008; 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Trajetórias. Mulheres. Silêncios. Goiás.

GOIÁS E OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA: as guardiãs esquecidas

Em dois séculos e meio de existência a cidade de Goiás, localizada no “Coração do Brasil”, incorporou em suas manifestações e representações culturais muitas tradições (re) inventadas e modernizadas¹. Conforme revelou Clóvis Britto (2008), na ocasião de suas incursões pelo ambiente das “tradições” vilaboenses – a invenção do farricoco e a Procissão do Fogaréu – estas seriam referências culturais dotadas de “valores, vivências e experiências constantemente produzidas [...] reelaboradas” (p. 10) e (re) inventadas – muitas delas – pela Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT) a partir de 1965, ano em que foi fundada.

Embora compreendamos as tradições de Goiás como (re) invenções (Cf. HOBBSAWN; RANGER, 2012) Clóvis Britto (2008) nos chamou atenção para a necessidade de as observarmos com maior cuidado, pelo fato de não serem (re) invenções “arbitrárias, visto que já [ocorriam] em terras goianas desde o século XVIII” (2008, p. 44). Esta observação singularizou a cidade de Goiás e

¹Cf. ORTIZ, 1988.



suas manifestações culturais quando relacionadas às de outras regiões do Brasil, a exemplo da literatura de cordel no Nordeste explicada por Durval Muniz e Regina Horta (2013) como mais uma fabricação dos anos 1920 e 1930 que obedecia a lógica do mercado de bens simbólicos nordestino.

Na última década, as tradições vilaboenses e goianas inquietaram estudiosos de diversas áreas das ciências humanas e se tornaram objetos de pesquisa que se desdobraram em importantes trabalhos acadêmicos². Todavia, ainda que existam investigações sobre o assunto, na cidade de Goiás ou em outras cidades do Estado, pouco se questionou sobre os vazios, os espaços em branco e os silêncios das mulheres presentes na fabricação e na (re) invenção dessas tradições.

Transformadas em ícones da identidade e cultura goiana (Cf. BERTRAN, 2006; CHAUL, 2011) pela OVAT, as celebrações e manifestações culturais da Semana Santa foram constantemente representadas e contadas por cronistas e memorialistas que passaram pelos sertões de Goiás, ou que por estas terras viveram³. Ainda que os apontamentos desses relatos sejam fundamentais para a compreensão dos itinerários históricos da cidade, optamos enveredar pelos caminhos de Goiás na companhia de mulheres, até porque a investigação propõe questionar os silêncios que pairam sobre estas personagens. Daí buscarmos esclarecimentos nas memórias escritas por Ofélia Sócrates (1974; 1983), Regina Lacerda (1977) e Anna Joaquina da Silva Marques⁴ para, a partir de suas lembranças, projetarmos compreensões para os silêncios femininos fabricados pela OVAT no instante em que (re) inventou e modernizou as tradições vilaboenses.

Durante os séculos XVIII, XIX e meados do XX a sociedade vilaboense utilizou-se de mecanismos discursivos e da dominação simbólica (Cf. BOURDIEU, 1999) para impedir que as mulheres participassem das procissões noturnas. Os mecanismos de impedimento garantiram a subalternização e manutenção das mulheres nas “sombras da história” regional. Clóvis Britto

² Cf. SILVA, 2001; TAMASO, 2007; BRITTO, 2008.

³ Cf. POHL, 1976; CASTELBAU, 2000; LEAL, 1980.

⁴ IPEH-BC. *Memorial de Anna Joaquina da Silva Marques*. Cidade de Goiás. 1880-1930. Manuscrito pertencente à ‘Coleção da Cúria da Arquidiocese da Goiânia’, sob a guarda do IPEHBC. Goiânia – GO.



(2011) problematizou estes não ditos, esquecimentos, subalternizações e exclusões no momento em que investigou as permanências da dominação masculina na sociedade vilaboense e contemporânea. Conforme indicou, foram detectados projetos que insistiam na proibição da participação feminina em manifestações do catolicismo popular, talvez numa tentativa de produzir a crença das tradições genuinamente autênticas.

Se atualmente não se pode proibir que as mulheres assistam a procissão como ocorria no século XIX e início do XX, nosso argumento é que a própria fabricação de mecanismos que justifiquem ou que invisibilizem sua participação como protagonista da festa consiste em uma forma de instituir uma ponte com as práticas consideradas 'tradicionais' e envolver o ritual de uma maior 'autenticidade' (2011, p. 158).

Suas interrogações e problemas nos fizeram verificar que o silêncio e a proibição das mulheres da participação pública em manifestações culturais era algo incorporado pela memória coletiva do vilaboense – um *habitus* – e que em muitos momentos este *habitus* que também é uma violência simbólica havia sido cruzado à manutenção de tradições. Na expectativa de corroborarmos esta hipótese apropriamos indícios desses silêncios arraigados na memória coletiva da cidade nos testemunhos de Elder Camargo:

Nas pesquisas, constatamos que as mulheres tradicionalmente eram proibidas de participar da Procissão do Fogaréu. Mas em 1966 como é que você proibiria uma coisa dessas? Até hoje ainda não tivemos uma mulher vestida de farricoco na Procissão, também existe a questão do peso da tocha, é necessário caminhar descalço, ficar parado algum tempo, a roupa que esquenta etc. Isso não é nenhuma proibição, é somente porque acho mais fácil trabalhar com os rapazes e não misturar (PASSOS, 2008, p. 200).

Lendo os testemunhos de Elder Camargo sobre a fabricação da OVAT e a Procissão do Fogaréu, verificamos o quanto é latente a crença de que para manter antigas tradições em Goiás faz-se necessário preservar as mesmas formatações dos séculos XVIII e XIX, quando as mulheres eram impedidas de tomarem seus lugares no espaço público. A contribuição memorialista de Elder indicou a incorporação de um discurso masculino e preconceituoso pelo fato de construir, talvez sem nem ao menos perceber, uma imagem frágil para as mulheres goianas. Seu testemunho encarna um *habitus* que (re) inventa antigos princípios da divisão sexual na sociedade contemporânea por meio de “regularidades da ordem física e da ordem social [que] impõem e

inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres [...] assinalando-lhes lugares inferiores” (BOURDIEU, 1999, p. 34), no teatro de memórias: os bastidores.

Ao confrontarmos esta violência simbólica com os variados momentos da história de Goiás, encontramos nas memórias de Anna Joaquina denúncias à exclusão feminina da participação pública. Nos dias 23 e 28 de março de 1920, a memorialista disse não participar nem ela, nem qualquer outra moça das celebrações da Semana Santa em Goiás, isto porque Padre Confúcio havia proibido a presença de mulheres nas festas noturnas⁵.

Ainda que Anna Joaquina tenha se reportado literariamente ao referido impedimento somente na década de 1920 quando lemos seu memorial confrontando-o às memórias de Pohl identificamos os projetos para silenciar estas agentes, subalternizando-as e lhes delegando papéis inferiores. Segundo impressões do cronista as mulheres goianas não “participavam de festa pública alguma [e que por esta razão] haviam acudido à Igreja” (POHL, 1976, p. 143) ocupando aí funções de menor prestígio social.

Embora o trabalho projete interrogar os silêncios das mulheres na história de Goiás é necessário considerar a informação do cronista, compreendendo a presença dessas agentes na igreja como uma tática, um jogo de poder ou uma disputa de gênero (Cf. SCOTT, 2008). Desta forma observamos que, a despeito dos silêncios e esquecimentos, as mulheres, no decorrer de suas trajetórias utilizaram mecanismos, táticas (Cf. CERTEAU, 2009; SOIHET, 2006) e estratégias “para fazer desse silêncio uma arma, esquivando-se das produções, ocupando os vazios do poder e as lacunas da história” (BRITTO, 2011, p. 158). Essas táticas, ou resistências, podem ser corroboradas com a presença das mulheres em Igrejas (Cf. ATAÍDES e CAPEL, 1991; BRITTO, 2011), na organização de manifestações culturais, como o Canto do Perdão executado no período das comemorações do passionário vilaboense ou, em nosso caso particular, quando Elina Maria e Altair Camargo auxiliaram na criação da OVAT, atuando como agentes culturais (Cf. BOURDIEU, 2011) responsáveis pela (re) invenção de tradições na cidade de Goiás.

⁵ Cf. IPEH-BC. *Memorial de Anna Joaquina da Silva Marques*. Cidade de Goiás. 1880-1930. Manuscrito pertencente à ‘Coleção da Cúria da Arquidiocese da Goiânia’, sob a guarda do IPEHBC. Goiânia – GO.



Ainda que tenham sido silenciadas pela memória coletiva e pela história, é importante destacar que a “aceitação” não foi um acontecimento harmônico. O silêncio feminino em Goiás sempre veio acompanhado de táticas, resistências e técnicas que frustravam os efeitos da dominação masculina. Uma vez impedidas de sociabilizarem-se publicamente, as mulheres eram obrigadas a subjugar-se ao ambiente do privado (Cf. PERROT, 2005). Restava-lhes desta forma, “participar dos cultos diurnos, das celebrações no interior dos templos [observando] os préstitos pelas [frestas das] janelas” (BRITTO, 2011, p. 163) como faziam as mulheres descritas por Cora Coralina e que viam “pela tabuleta riçada e graduada [...] sem se mostrar [...] a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de certo ângulo, observavam os acontecimentos” (CORALINA, 2006, p. 22) da cidade.

A tática mais comum, e que foi amplamente utilizada pelas mulheres goianas a fim de ocupar posições públicas (Cf. PERROT, 2005) na sociedade vilaboense era “aceitar se apagar [para] exercer algum poder” (BRITTO, 2011, p. 163). Para o desempenho de tal projeto elas “desenvolviam concessões de ordem simbólica” (p. 163) compondo a organização das celebrações religiosas, semelhante ao que fizeram as guardiãs do Perdão entre os séculos XIX e XX. Sobre a cerimônia e a presença de mulheres no processo de execução da representação religiosa, Ofélia Sócrates contou que:

Sexta-Feira da Paixão, às três horas da tarde, realizavam-se na Boa Morte o Ofício da Via Sacra, o Sermão das Sete Palavras e o Perdão. Meninas vestidas de branco com faixa preta na cintura, previamente ensaiadas, cantavam o Perdão. Junto a este o primeiro par se ajoelhava e cantava seu pedido de perdão em nome dos pecadores. Em seguida os outros pares vinham, cantavam e iam se colocar atrás da fila. [...] A noite de sexta para sábado era de grande azáfama para padre Confúcio, tia Adelaide e seus auxiliares. Mistér se fazia retirar o luto que cobria a igreja e orná-la para as alegrias do Sábado de Aleluia (1974, p. 39-41).

Ao relatar suas memórias, Ofélia Sócrates destacou a presença de mulheres na celebração paralitúrgica que, além de ser pública se delongava noite adentro - nesta mesma tarde era executada em muitas igrejas da cidade e isto exigia das professoras e alunas que se revezassem nas várias representações -. Ainda não mencionando o nome de Pacífica Josefina de Castro (Mestra Nhola) – a primeira guardiã do perdão – Ofélia deu visibilidade a Adelaide Sócrates



que também era uma guardiã de tradições, isto porque ensaiava as meninas para cantar o Perdão todos os anos, conforme relatou Anna Joaquina em seu Memorial. Somadas às lembranças de Ofélia e Anna contamos com os relatos de Regina Lacerda que ilustrou a cerimônia do Perdão dando visibilidade a Gracinha Péclat, Benedita de Nhola, Maria Camargo e Nenê Pinheiro, mulheres que também pertenciam à aristocracia de Goiás e que foram eternizadas na memória coletiva da cidade como guardiãs de tradições/memórias, pelo fato de manter vivas muitas tradições nos sertões de Goiás.

Embora estas mulheres fossem filhas “de um pequeno segmento da população brasileira do século XIX” (HAHNER, 2012, p. 43), aspecto que possivelmente lhes proporcionou forçar a passagem e “sair” para “desenvolver sua influência junto às portas do poder” (PERROT, 2005, p. 279), o que nos interessou foi verificar porque e de que forma a sobreposição do tempo provocou o silêncio e o esquecimento não só dessas mulheres, mas de muitas outras que utilizaram de táticas diversas para burlar os efeitos da dominação masculina e garantir sua presença no espaço público.

Clóvis Britto (2013) nos alertou para a existência de uma política da memória responsável pela seleção daquilo que deveria ser lembrado e aquilo que deveria ser esquecido. Seus apontamentos metodológicos nos auxiliaram na compreensão de que em muitas das vezes o silêncio parte não só da dominação masculina, mas de direções diversas, daí ser necessário ter um olhar multifacetado, pois:

Não narrar alguém ou algo é um mecanismo eficaz de instituí-los como ‘mortos’ metaforicamente, de conferir uma identidade a partir da não identificação. Soma-se a esse fato, o reconhecimento de que a memória se pauta em um jogo entre lembranças e esquecimentos e, no âmbito individual, na disputa entre o que deve ser lembrado, narrado, fabricado. Questões que desembocam em embates de uma política da memória que permeia a constituição das narrativas (BRITTO, 2013, p. 19).

Parafraseando as suas impressões compreendemos ser nossa proposta, de certo modo, uma forma de tecer a trajetória de mulheres a partir da reconstrução de seus acidentados itinerários, tornados visíveis em representações sociais, criadas na expectativa de atribuir sentido ao tecido de vidas femininas, ilustrado pela narrativa. Suas expectativas vão ao encontro do que



projetamos quando nos inquietamos pela possibilidade de entender Elina Maria e Altair Camargo como agentes culturais e guardiãs de tradições/memórias, silenciadas e esquecidas por conta da violência simbólica, da dominação masculina, pela política da memória/história e pelo desinteresse de parte da academia por este campo de investigação.

Como muitas outras mulheres, Altair e Elina guardaram, mediam e (re) inventaram uma memória para a cidade tornando-se “narradoras privilegiadas da história do grupo ao qual pertenceram com autoridade para falar” (BRITTO, 2011, p. 167) e/ou deixar indícios de suas trajetórias. Enquanto Elina, na Rádio Treze de Maio, narrava e contava muitas tradições de Goiás na companhia dos jovens vilaboenses que lá trabalhavam, Altair cuidava de reaver esculturas sacras que trafegavam pelos sertões de Goiás em pacotes com a finalidade de serem comercializadas. Nice Monteiro em crônica sobre o nascimento do Museu da Boa Morte destacou o papel de Altair como a guardiã que agenciou o processo de criação do referido museu quando intermediou a compra de imagens sacras para a montagem da coleção museológica:

Certo dia, um deles entrou pelo Hotel Municipal com um saco cheio de imagens antigas. Os olhos de Altair de Camargo Passos sofreram com a visão e sua sensibilidade gritou um S.O.S. que alcançasse. D. Cândido Penso. E alcançou. Ele, que viera da Itália, enviado por Deus para acordar nosso senso artístico muito adormecido. D. Penso ficou com as imagens comprando-as e começou um pequeno museu no Convento Dominicano. Com a ausência de D. Penso, as imagens foram transferidas para a Cúria, na Catedral, por D. Abel Ribeiro. Regina Lacerda condeou-se do abandono da Boa Morte e conseguiu sua recuperação, com autoridades, sob seu patrocínio. Assim a simpática Igreja, mais uma vez, sorriu em tintas novas. Elder Camargo Passos e Antolinda Bahia Borges já se iniciavam como sentinelas das Artes goianas e conseguiram, com o novo Bispo D. Thomaz Balduino, a transferência do acervo artístico para a Igreja da Boa Morte. Firmava-se, em alicerces mais sólidos, o iniciante Museu que lá está impressionante em beleza com as imagens de Veiga Vale. (DAHER, 1990, p. 50).

No texto de Nice percebemos o importante papel de Altair Camargo no processo de compra das obras sacras. Ao adquirir a imaginária, Dom Cândido Penso pode executar o projeto de criação do museu de arte sacra na cidade de Goiás. É importante observar que a escritora tornou visível outras mulheres que também guardaram e ainda guardam a memória e a tradição vilaboense, (re) inventada na década de 1960. O destaque dado a Altair nos permitiu visualizar Regina Lacerda e Antolinda Borges, também identificadas como guardiãs das tradições em Goiás.



Em tese de doutorado, a pesquisadora Mônica Martins (2008) esclareceu o importante papel de Regina Lacerda e Elder Camargo – filho de Altair – na escrita do folclore goiano e vilaboense. Já Antolinda foi lembrada por Izabela Tamasso (2007) como uma guardiã da memória por ter evitado que as representações culturais de Goiás sofressem “mudanças abruptas ou arbitrárias, [afastando] o risco de desintegrar referências fundadoras e ameaçar a própria manutenção da identidade do grupo.” (GOMES, 1996, p. 7).

Diante das informações podemos considerar Elina e Altair como “Guardiãs da memória/tradições”, uma vez que guardaram/possuíram as ‘marcas’ do passado sobre o qual se “remeteram, tanto porque se [tornaram] pontos de convergência das histórias vividas por muitos outros grupos (vivos e mortos), quanto porque se tornaram em [colecionadoras e (re) inventoras] de objetos materiais que encerram memórias.” (GOMES, 1996, p. 7). Uma vez identificadas como guardiãs de memórias e tradições, Altair e Elina se aproximaram também de Goiandira Ayres do Couto e Cora Coralina, identificadas por muito tempo como as guardiãs da memória vilaboense, pelo fato de agenciarem o mercado de produção dos bens simbólicos em Goiás (Cf. GOMES, 1996; BOURDIEU, 2011). Cora Coralina foi fabricada como grande escritora que guardou em sua literatura indícios da cultura goiana e Goiandira do Couto como a pintora das areias que guardou em grãos de lembranças a história silenciosa dos becos de Goiás.

Nos trabalhos envolvendo trajetórias de mulheres vilaboenses (Cf. DELGADO, 2003; FERREIRA, 2011) visualizamos entre os papéis de Cora Coralina e Goiandira do Couto o silêncio de muitas outras mulheres que guardaram as tradições e memórias de Goiás. Daí tomarmos de empréstimo o sentido criado por Pierre Bourdieu (2008) e Andréa Delgado (2003) para nos referir à fabricação de crenças que acabaram atribuindo maior brilho a algumas personagens em detrimento de outras. Por esta razão acreditamos ser importante o testemunho de Elder Camargo quando lembrou o papel das mulheres e dos velhos na guarda e preservação da memória vilaboense:

Por ouvir dizer das pessoas mais velhas, ficamos sabendo da existência da Procissão do Fogaréu que havia desaparecido. Diziam que existia a Procissão do Fogaréu aqui em Goiás, que mulher não podia acompanhar... Então começamos a



pesquisar mais sobre ela. Procuramos os mais velhos, porém não havia ninguém que a havia vivenciado. Diziam o que seus avós e pais contaram, porém não encontramos alguém que tivesse assistido a Procissão do Fogaréu. E no grupo, fui eu quem ficou responsável pela pesquisa sobre o Fogaréu. [...] Depois conversei com minha avó, que era muito religiosa, e ela contava para mim que se cantavam as ladainhas ou profecias e a Procissão entreva pela porta central das igrejas e saía pela lateral. Ela também me contou que a Procissão era realizada na Quinta Feira, no dia de Endoenças, e citou a figura do farricoco, que era um homem encapuzado e me explicou tudo do modo como lhe haviam contado (PASSOS, 2008, p. 197).

Ao descrever o papel de sua avó Leonor de Barros (D. Siná) no projeto de reconstrução da memória cultural de Goiás, Elder enfatizou a importância dos velhos no processo de guarda, transmissão do legado cultural e das experiências para as novas gerações. Ele a aproximou das impressões de Maurice Halbwachs (1925) quando estudou no interior das sociedades tribais a importância atribuída aos velhos, pelo fato de serem agentes fundamentais no processo de preservação das experiências, tradições e da cultura do lugar que habitam. Sobre este aspecto Halbwachs (1925) explicou que:

De uma forma resumida, o velho olha para o passado com maior intensidade que os jovens, mas não consegue segui-lo, pois não é capaz de evocar tantas lembranças do passado como quando era jovem. O mais importante é sua capacidade de manter imagens antigas, guardadas no inconsciente desde a infância e só depois da rememoração ele encontra forças para cruzá-las no limiar de sua consciência. Por ser mais bem compreendido, despertou-se por ele um novo interesse, principalmente por este momento de sua vida e que por muito tempo foi negligenciado. Os velhos foram inseridos na sociedade, e embora não sejam membros ativos dela, onde estão eles tem uma função atribuída. Em tribos primitivas, os mais velhos são guardiões das tradições, não só por terem recebido experiências mais cedo do que os outros, mas provavelmente por terem tempo livre para corrigir os detalhes ao longo de conversas mantidas com outras pessoas idosas e para transmitir ensinamentos aos jovens desde a mais tenra idade. Nossa sociedade também alimenta uma estima pelos velhos, e isto se dá pelo fato de terem vivido por mais tempo, por terem muita experiência e estarem cheios de memórias (1925, p. 81).

Halbwachs apresentou em suas investigações o grande valor atribuído aos velhos pelas sociedades contemporâneas, aspecto este intensamente estudado por Ecléa Bosi (2003; 2004) na ocasião de suas incursões pelo cotidiano da sociedade industrial paulista. Os dois estudiosos compreenderam os velhos, como agentes fundamentais no processo de guarda e proteção das tradições em um dado espaço. Para eles, são os velhos os responsáveis pela transmissão das



experiências. São eles que ajudam as crianças na construção de suas lembranças (Cf. BLOCH, 1925) ou guardam no limiar de sua consciência reminiscências importantes para historiadores interessados na (re) construção e (re) invenção do passado. Embora Halbwachs se refira aos velhos no masculino, suas contribuições se aplicam aos exemplos femininos identificados na cidade de Goiás, em razão das relações de gênero aí existentes ser regidas por regras particulares à trajetória histórica da cidade.

Ao longo da história de Goiás, as mulheres goianas e vilaboenses tiveram que incorporar responsabilidades diversas na sociedade sertaneja e isto provocou o aparecimento não só de guardiões, mas de guardiãs das tradições, mulheres a exemplo da avó de Elder e de sua mãe que se transformaram em guardiãs, pois foram no decorrer de suas trajetórias intensamente consultadas e questionadas quanto às representações e manifestações culturais de Goiás. As memórias de Elder esclareceram o processo de idealização da OVAT e deixaram entre muitos silêncios os indícios de outras guardiãs de tradições, apagadas da história cultural da cidade e que precisam ser mais bem investigadas em novos projetos de pesquisa.

A (RE) INVENÇÃO DE TRADIÇÕES: as guardiãs lembradas

Em meados da década de 1960 a Cidade de Goiás respirava os ares de muitas mudanças em seu cotidiano. Somada à possibilidade de receber o direito de sediar a capital do Estado durante alguns dias do mês de julho (Cf. DAHER, 2000) – um presente efêmero do então governador Mauro Borges que se renovaria anualmente, apaziguando antigas sombras do ressentimento deixado pelo surto mudancista de 1930 (Cf. GOMIDE, 1999; 2005). Goiás se tornaria, ainda que de forma tímida, uma cidade museu que embora parecesse adormecida no tempo, testemunhava o encontro do tradicional e do moderno em um cenário de becos e casarios seculares. Percebemos esta relação de negociação e concessão entre o “velho” e o “novo” nas memórias saudosistas de jovens que pelos rincões da “Cidade Morena” viveram e “cantaram suas noites goianas”:

Era uma cidade diferente, e como tal teria que ser olhada. Talvez fosse necessário olhá-la com os olhos do coração, para desvendar a sua sensibilidade, seu espírito, como fizeram Joaquim Bonifácio, Manoel Félix de Amorim, Elina Maria, Cora



Coralina, Joaquina de Castro e outros, nas letras. Goiandira do Couto, Octo Marques, Marli Mendanha, Di Magalhães, Monserrat, Paulo Bavani, D. Beltrão, João do Couto, e outros mais nas telas. Eu tentava passar despercebido, alheio aquela morosidade, e a todo àquele acervo histórico, mas não me continha, caminhava também devagar a observá-la, descobrindo a cada momento, em seu conjunto arquitetônico, coisas novas, nunca antes vistas por mim. Tentava vê-la com o coração, mas ela era infinitamente maior que eu. Sua magnitude me engolia, eram muitos os mistérios a serem desvendados, e eu ficava perdido em meio a todo aquele espetáculo envolvendo a história, a cultura e a tradição de minha nova cidade e sua gente.⁶

Foi através dessas imagens que Goiás se descortinou aos olhos de Francisco Santana, jovem estudante recém chegado das Minas Gerais aos sertões vilaboenses. Francisco logo se avizinhou ao cotidiano “moroso” da cidade que em 1960 era embalado pela sonoridade do modernismo presente nas programações da Rádio Treze de Maio. Este mecanismo de radiodifusão além de ser um espaço de mediação da cultura local na cidade se tornou nos anos que se seguiram à década de 1960 até 1970 o centro irradiador de informações entre várias regiões limítrofes a Goiás, conforme explicou Dom Tomaz Balduino em mensagem do dia 18 de maio de 1974:

A Rádio, na sua pouca potência, (250 watts) era bem ouvida na zona rural de nossa cidade e em vários municípios vizinhos. Era um dos poucos meios de comunicação para o interior, cuja população unanimemente vibrava com seus programas sertanejos, seus horários de mensagem e notícias de utilidade familiar e pública, seus momentos de reflexão religiosa, suas promoções cívicas e culturais.⁷

Sob a direção de Elina Maria da Silva, a Rádio Treze de Maio incorporou características múltiplas. Suas programações contemplavam temas diversos e os programas dos jovens radialistas que lá trabalhavam estavam sob minuciosa supervisão da diretora, que “olhava, via, ficava sempre com o radinho [...] ficava por ali assim [e] não era de chamar a atenção, mas [sempre aconselhando]: – Olha seja objetiva, nada de muito meloso nem nada [...] tenha mais objetivo, fala pouco, mais música porque ninguém gosta de blá blá blá”⁸.

⁶ Fragmento de Mercado Municipal, uma das crônicas escritas por Francisco Santana antes de seu falecimento.

⁷ Fragmento de Mensagem do bispo Dom Tomás Balduino sobre a Rádio 13 de Maio em 18 de Maio de 1974. Arquivo da Diocese de Goiás/ IPEHBC.

⁸ Entrevista realizada com Osmerinda Martins de Castro em 29 de dezembro de 2013.



Conforme lembrou Osmerinda Martins, a função dos jovens radialistas orientados por Elina Maria era a de animar o cotidiano da cidade. Desta forma, os programas reuniam um misto de músicas sertanejas e o rock comum à juventude do período. Em suas memórias, percebemos que pela manhã era costume acordar ao som de “Crepúsculo Caboclo” e “Amanhecer na Roça” – programas conduzidos por Francisco Santana – e na sequência do dia a população vilaboense era entretida com “Balada para a Juventude” – apresentado por Osmerinda – e uma crônica diária lida por Elina Maria. Consoante às suas lembranças, a crônica feita sempre ao meio dia, trazia temáticas relacionadas à história de Goiás, suas tradições e manifestações culturais, aspecto que corroborou as palavras de Francisco Santana quando lembrou Elina Maria entre outros nomes responsáveis por agenciar a guarda da cidade histórica e de suas tradições. Osmerinda também indicou o fundamental papel de Elina na liderança do mecanismo de radiodifusão e neste momento destacou a existência de outro meio de informação – o jornal *Embaló* – criado pelo grupo de jovens coordenado por Elina em 1968:

O nome do programa era Amanhecer. Amanhecer com música né que era as oito da manhã e esse depois eu passei a fazer [...] ao meio dia ela tinha uma crônica, assim que terminava a crônica da Elina eu começava meu programa Balada para a juventude e o das oito eu só fazia nas férias porque eu estudava de manhã. Era a primeira [...] a nossa programação até pouco tempo eu ainda tinha todo o programa. Francisco fazia o Crepúsculo Caboclo, fazia Amanhecer na Roça depois vinha esse. Depois das oito um programa só para a juventude ia até as dez mais ou menos, depois a Elina entrava com [...] geralmente uma crônica, com algum comentário, alguma coisa da cidade, fazia as novidades, nós chamávamos de novidades, há alguma novidade na cidade, então entrava e naquela época também tinha o jornal que era o *Embaló* que todo mundo escrevia, então a gente né [...]. Eu não sei que ano agora me falhou a memória, mas também tinha o jornal e as crônicas que todo mundo sabia, então as dez horas tinha as crônicas ou eu lia, nas férias eu lia ou o Francisco Santana. Depois eu fazia esse Balada para a Juventude e depois música ao vivo aí era essa Balada para a Juventude, aí depois vinha um programa que ligava e pedia a música não me lembro o nome mais depois entrava o Delano e quatro horas eu entrava com outro programa também.⁹

A presença de Elina e sua influência nos programas permitiram com que o lugar se transformasse em um espaço de negociação e agenciamento da informação. No cotidiano da

⁹ Entrevista realizada com Osmerinda Martins de Castro em 29 de dezembro de 2013.



rádio, a cultura e as tradições da cidade se cruzavam com os debates modernizadores, interessados por fazer de Goiás uma cidade com olhos no futuro, mas raízes fincadas em seu passado histórico (Cf. PASSOS, 2008). Como no início da década de 1960, a rádio era o único meio de difusão de informações na região, seus programas incorporavam características regionais ditadas pelo ritmo sertanejo, as preferências musicais juvenis e a valorização da identidade vilaboense/goiana diretamente relacionada ao legado cultural e às tradições da região. Como a direção da instituição permitia a atuação de jovens vilaboenses em seus programas, os debates no campo da cultura local se tornaram costumeiros e isto resultou no nascimento da Organização Vilaboense de Artes e Tradições.

Embalados pelas personalidades da cidade homenageadas no programa “Goiás Reverencia”, pelas músicas típicas do período, interpretadas nas vozes de Roberto Carlos, Vanderléia e Erasmo Carlos, jovens a exemplo de Eudes Pacheco, Elder Camargo, Hecival de Castro e muitos outros, discutiam – sempre acompanhados por Elina – questões da terra trazidas para os programas da rádio. Eles destacavam nesse espaço – que também era um espaço para debates culturais – a necessidade de valorização das tradições e da história cultural da cidade.

Quando questionado sobre a gênese da OVAT, Eudes Pacheco disse que sua origem pode ser também associada aos programas da Rádio Treze de Maio. Os programas exigiram incursões pela pesquisa do passado vilaboense, na expectativa de encontrar experiências que pudessem ser apresentadas à população da cidade reforçando desta forma os sentimentos de pertencimento à história local. Conforme lembrado por Elder Camargo, Hecival de Castro e Eudes Pacheco, estas pesquisas, discussões e reflexões fizeram com que se inventasse uma instituição cultural encarregada da (re) invenção da história de Goiás. De acordo com suas impressões, caberia à OVAT representar esta história pelo caminho das tradições – (re) inventadas – e difundir uma imagem da cidade que lhe permitisse ocupar a condição de “berço da cultura goiana”, conforme explicou texto do catálogo comemorativo dos quarenta anos de nascimento da OVAT:

Um dos fatores que contribuiu para que a história e cultura da Cidade de Goiás extrapolassem as cercas vivas da Cidade de Goiás extrapolassem as cercas vivas de suas serranias chegando a ser reconhecida pela UNESCO como patrimônio



mundial é a forma com que, em sua trajetória, conseguiu aliar a preservação do acervo arquitetônico a um excepcional patrimônio imaterial. Não por acaso Goiás ostenta o título de berço da cultura goiana e, se não bastasse, é o berço da cultura de toda a região que forma o coração do Brasil. Aqui tradições e indivíduos encontram terreno fértil para a figuração nos autos do passado em múltiplas vertentes que tecem nossa diversidade e singularidade: literatura, história, música, artes plásticas, educação, arte popular e áreas diversas. A OVAT se orgulha de ser uma das responsáveis por manter essas tradições pulsando no cotidiano vilaboense e uma das entidades precursoras na preservação do patrimônio imaterial brasileiro (OVAT, 2005, p. 3).

O fragmento retomou as expectativas de Eudes Pacheco quando mencionou ser por meio de crenças produzidas, a exemplo das manifestações artísticas do passionário vilaboense – Procissão do Fogaréu e o Descendimento da Cruz na Sexta Feira da Paixão e cujo texto interpretado no instante da representação é de autoria de Elina Maria da Silva – que Goiás alcançaria certa visibilidade no cenário cultural brasileiro. Seu testemunho nos ajudou a esclarecer questões ainda nebulosas sobre o nascimento da instituição, uma vez que pudemos identificar Elina Maria como uma das agentes que intermediaram a fabricação da instituição e a invenção da cidade como berço da cultura do Estado:

Ela veio do município de Ceres [para trabalhar] como diretora da rádio 13 de Maio, de propriedade da diocese de Goiás. Nesta gestão dela na rádio, eu me aproximei por que nós tínhamos um programa no espaço que a diocese abria para nós, para nós falarmos da Semana Santa, tradições, da cultura de Goiás e etc. E isso éramos eu, Elder que é um dos que foi preso na época, Humberto que também foi preso. Nesse período, eu fui convidado para ter um programa na rádio, por aí que começou a minha convivência com a Elina. Porque ela era a diretora da rádio. Nós passamos a andar juntos e trocamos idéias. Ela era uma poetisa além do seu tempo, escrevia de forma correta, de métrica e rimas¹⁰.

Eudes Pacheco esclareceu que a rádio foi um dos lugares que propiciaram o nascimento da OVAT e os programas, os seus grandes motivadores. Quando indagado sobre a posição de Elina Maria nestes debates, ele destacou ter sido “o elemento motivador da OVAT a Elina Maria. Ela tinha um senso de organização das coisas. A Rádio Treze de Maio tomou essa importância, graças ao direcionamento que a Elina dava. Ela buscava a juventude para

¹⁰ Entrevista realizada com Eudes Pacheco de Santana em outubro de 2009.



participar.”¹¹ Eudes Pacheco através de seu testemunho confirmou as desconfiças de que Elina Maria havia sido apagada deste cenário cultural, em parte por ter projetado ela própria este esquecimento e silêncio e em outro porque seus silêncios e seus mistérios foram incorporados pela memória coletiva o que a apagou quase que por completo da história contemporânea da cidade de Goiás. Caso seu nome não figurasse no jornal *Cinco de Março*, por ocasião da prisão e também no catálogo comemorativo da OVAT em 2005, não saberíamos de sua existência e suas expectativas para se manter em silêncio teriam sido atendidas. Para felicidade da pesquisa, pudemos acessar sua trajetória pelos acidentes de seus projetos e nestes dois fragmentos do passado pudemos detectar rastros e indícios de sua presença.

Nas palavras de Eudes e nos vários indícios capturados no decorrer da pesquisa pudemos compreender ter sido Elina Maria uma das intermediadoras no processo de fundação da Organização Vilaboense de Artes e Tradições. O fato de ser uma mulher muito bem relacionada e politizada lhe permitiu condições para circular por vários espaços adquirindo no decorrer deste trajeto a confiança dos moradores da cidade, a amizade de muitos e a distinção como liderança emparelhando-se à Altair Camargo pelo fato de “adotar” os filhos de Goiás, mantê-los sob sua tutela e auxiliar de uma forma efetiva na fabricação de crenças em Goiás tornando-se uma “produtora de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2011, p. 100), atividade materializada na invenção da OVAT. Nossa investigação tem tentado por meio de inquietações referentes à fabricação dessas tradições o esclarecimento das trajetórias de mulheres que durante a década de 1960 ocuparam importantes papéis nesse cenário cultural de Goiás. Animados por esta possibilidade temos nos aventurado em pesquisas que privilegiam sopros de vida femininos responsáveis pela ligação do passado ao presente vilaboense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATAÍDES, Jésus Marco de; CAPEL, Heloísa Selma. Símbolos do despertar da mulher goiana no séc. XIX. *Teoria e Práxis: Revista de Ciências Humanas e Política*, n.º 2, Goiânia, 1991.

BERTRAN, Paulo. *Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783*. Goiânia: ICBC, 2010.

¹¹ Entrevista realizada com Eudes Pacheco de Santana em outubro de 2009.



BLOCH, Marc. "Mémoire collective, tradition et coutume. A propos d'un livre récent". *Revue de synthèse*, t. XL, dec. 1925, pp. 73-83.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRITTO, Clóvis Carvalho. As mulheres ou os silêncios da procissão do Fogaréu. *OPIS*, Universidade Federal de Goiás: Catalão, 2011.

BRITTO, Clóvis Carvalho. Do século XIX ao Século XX: as mulheres ou os silêncios da história do espiritismo na cidade de Goiás. *Fragmentos de Cultura: Goiânia*, v.º23, 2013.

BRITTO, Clovis Carvalho (Org.). *Luzes e trevas: estudos sobre a Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Coriféu, 2008.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CASTELBAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHAUL, Nasr Fayad; SILVA, Luis Sérgio Duarte da (Orgs.). *As cidades dos sonhos*. Goiânia: Ed. da UFG, 2005.

CHAUL, Nasr Fayad. A identidade cultural do goiano. In: *Ciência e cultura*, São Paulo, v.º 63, 2011.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 2010.

CORALINA, Cora. *Estórias da casa velha da ponte*. 13 ed. São Paulo: Global, 2006.



DAHER, Nice Monteiro. *Caminhos*. Goiânia: Sem editora, 1990.

DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas / SP, 2003.

FERREIRA, Tais Helena Machado. *"Faz uma casa com areia": a cidade de Goiás e as areias coloridas na trajetória de Goiandira Ayres do Couto*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GOMES, Angela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. In: Revista Estudos Históricos (FGV). V. 11, 1998.

GOMES, Angela de Castro. *A guardiã da memória*. Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, V. 09, 1996.

GOMIDE, Cristina Helou. *Centralismo político e tradição histórica: cidade de Goiás (1930 – 1978)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Goiás, 1999.

GOMIDE, Cristina Helou. *Antiga Vila Boa de Goiás: experiências e memórias da/na cidade patrimônio*. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

GOMIDE, Cristina Helou. Cidade de Goiás: da idéia de preservação à valorização do Patrimônio – a construção da imagem de cidade histórica (1930-1978). In: *As cidades dos sonhos*. Goiânia: Ed. da UFG, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. (1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel. (Original publicado em 1925)

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

IPEH-BC. *Memorial de Anna Joaquina da Silva Marques*. Cidade de Goiás. 1880-1930. Manuscrito pertencente à 'Coleção da Cúria da Arquidiocese da Goiânia', sob a guarda do IPEHBC. Goiânia – GO.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Afeira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste – 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.



KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

LACERDA, Regina. *Vila Boa: história e folclore*. 2 ed. Goiânia: Oriente, 1977.

LEAL, Oscar. *Viagem às terras goyanas (Brazil Central)*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1980.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Reminiscências: Goiás D' Antanho (1907-1911)*. Goiânia: Oriente, 1974.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Goyaz: coração do Brasil*. Brasília, DF: Sem editora, 1983.

PASSOS, Elder Camargo de. O futuro de Goiás é o passado. In: BRITTO, Clovis Carvalho (Org.). *Luzes e trevas: estudos sobre a Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Coriféu, 2008.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

POHL, Johann Emmanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. 2v. Rio de Janeiro: INL, 1975.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero e história*. Tradução de Consol Vilá I. Boadas. México: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

SOIHET, Rachel. O feminismo tático de Bertha Lutz. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SILVA, Mônica Martins da. *A festa do divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia: AGEPEL, 2001.

TAMASO, Izabela. *Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, 2007.

TAMASO, Izabela. Etnografando os sentidos do lugar: pintando, declamando e cantando a cidade de Goiás. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (Orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.